

Pesquisadores estudam impactos recíprocos entre Covid-19 e tuberculose

A evolução da Covid-19 em vítimas da tuberculose e o impacto do novo coronavírus no tratamento desses pacientes estão sendo estudados por um grupo de pesquisadores de várias áreas. O objetivo é compreender a relação entre as doenças em quatro dos cinco países do Brics: Brasil, Rússia, Índia, e África do Sul. Pesquisadores da Coppe/UFRJ e de empresas startups nativas da instituição participam deste projeto liderado pela professora Anete Trajman, da Faculdade de Medicina da UFRJ e do Instituto de Medicina Social da Uerj, que é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O trabalho foi considerado pela revista médica inglesa Lancet como “vital”, uma vez que a Organização Mundial de Saúde (OMS) prevê que até 1,5 milhão de pessoas morram a mais de tuberculose até 2025 devido à pandemia de Covid-19.

De acordo com a professora Anete Trajman, até o advento da Covid-19 a tuberculose era a doença infecciosa que mais matava no mundo, e já se sabe de experiência pandêmica anterior (a gripe espanhola, em 1918), que mais pessoas morriam de tuberculose com a interseção das epidemias.

“No atual momento, já notamos interferências diretas e indiretas entre estas doenças. Os sistemas de saúde tiveram que alocar seus recursos prioritariamente para o enfrentamento da Covid. Em maio, houve uma redução de 40% na realização de testes moleculares rápidos para tuberculose. Em outubro, com a diminuição de casos de Covid, a redução foi menor, 20%”, relata Anete.

Segundo o professor Manoel Seixas, do Programa de Engenharia Elétrica da Coppe, os modelos matemáticos podem ajudar a mostrar o horizonte apresentado para as duas infecções, uma virótica e outra bacteriana. “Começamos em julho o desenvolvimento de um sistema que usa inteligência computacional para otimizar a triagem e tornar mais eficiente o diagnóstico da tuberculose ativa, contribuindo para a tomada de decisão. O objetivo é ter qualidade de dados e sistema reproduzível para ser compartilhado com os sistemas públicos de saúde”, explica o professor da Coppe.

Cerca de 1/4 da população mundial tem tuberculose latente. “É necessário identificar para diminuir a infecção, tendo em vista que se trata de uma doença transmissível. Estudos da OMS sinalizam que é preciso tratar a tuberculose ativa, mas também a latente, pois em situações de baixa imunidade a chance da doença se desenvolver é grande”, ressalta Seixas.